Mundo em marcha lenta

Relatório da OCDE aponta EUA, Japão e países emergentes liderando frágil recuperação econômica, ameaçada pela crise na zona do euro. Ainda assim, projeção é que crescimento da economia global será de 3,4% este ano, abaixo dos 3,6% de 2011

DA AGÊNCIA REUTERS

Os Estados Unidos e o Japão estão liderando uma frágil recuperação econômica entre os países desenvolvidos que ainda pode sair do curso se a zona do euro não conseguir conter a crise de crescimento, afirmou ontem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Em seu panorama econômico, a OCDE prevê que o crescimento econômico mundial vai desacelerar para 3,4% neste ano ante 3,6% em 2011, até que em 2013 acelerará para 4,2%, em linha com suas últimas estimativas de novembro. O crescimento nos 34 membros da organização, em geral os mais ricos do mundo, vai desacelerar neste ano para 1,6%, ante 1,8% em 2011, e então alcançará 2,2% em 2013, também em linha com as estimativas anteriores.

"Vemos uma recuperação lenta do crescimento nos Estados Unidos comandadada principalmente pela demanda privada, certa recuperação no Japão e crescimento moderado a forte em economias emergentes", disse o economista-chefe da OCDE, Pier Carlo Padoan. "Também vemos crescimento estável na zona do euro, que esconde diferenças importantes, com os países do norte crescendo e países do sul em recessão", acrescentou.

A OCDE prevê que a economia dos 17 membros da zona do euro encolherá 0,1% este ano, antes de mostrar crescimento de 0,9% em 2013, embora a potência regional Alemanha tenha crescimento previsto de 1,2% em 2012 e de 2% em 2013. Dados preliminares divulgados na semana passada mostraram que a Alemanha cresceu 0,5% nos três primeiros meses deste ano, recuperando-se de uma pequena contração de 0,2% no trimestre anterior e afastando temores de recessão, num forte contraste com outros países afetados pela crise na zona do euro.

Conforme o relatório d OCDE, a França irá atingir suas metas de déficit público, apesar de o compromisso do novo governo socialista com disciplina fiscal ser colocado em teste durante o processo. A OCDE informou que o déficit abaixo das expectativas em 2011 ajudará o governo do presidente François Hollande a atingir a meta de déficit para este ano, de 4,5% do Produto Interno Bruto (PIB). Após crescimento de 1,7% no ano passado, a OCDE projetou que a economia francesa de 1,9 trilhão de euros (US$ 2,43 trilhões) cresça 0,6% este ano e 1,2% em 2013.

Embora as economias da OCDE estejam se recuperando, a crise da dívida da zona do euro poderá sair do controle, com a Grécia lutando para permanecer solvente e os bancos espanhóis precisando ser recapitalizados, disse Padoan. A injeção do Banco Central Europeu (BCE) de um trilhão de euros de liquidez no sistema bancário da zona do euro e o aumento dos fundos de resgate europeus e das reservas do FMI ajudaram a manter a crise da dívida da zona do euro sob controle. "Se a situação piorar, existem maneiras de reforçar a capacidade da barreira de proteção, que pode incluir uma forte intervenção ou uma ação do BCE", disse Padoan.

Em particular, o BCE não deve excluir o programa de compra de títulos governamentais novamente para manter os custos de empréstimos baixos, emprestando ao Mecanismo Europeu de Estabilização Financeira (ESM, na sigla em inglês), bem como cortando sua principal taxa de juro de referência, que atualmente está em 1%. O BCE também pode considerar outra injeção de liquidez no sistema bancário.

Política monetária frouxa

Em contraste com a zona do euro, os EUA devem continuar se beneficiando de condições de crédito fácil e de política monetária ultrafrouxa, com a maior economia do mundo crescendo 2,4% este ano e 2,6% em 2013, segundo as previsões. Em novembro, a OCDE previa 2% para 2012 e 2,5% para 2013. Embora haja algum aperto orçamentário e um mercado imobiliário ainda fraco que será um entrave ao crescimento, a demanda do setor privado continuará se fortalecendo, na medida em que a taxa de desemprego deverá cair para 7,5% no final de 2013 ante 8,1% em abril deste ano. A OCDE disse que, embora os EUA precisem acelerar o ritmo de seu aperto fiscal, se os cortes de impostos expirarem como previsto em 2013, isso poderá resultar num corte muito grande de uma vez e ameaçar o crescimento.

Já a economia japonesa deverá crescer 2% este ano e 1,5% em 2013. A recuperação do comércio mundial será um ponto forte para muitas economias, com a OCDE prevendo crescimento a partir de 4,1% este ano para 7% de 2013. A China deverá mostrar crescimento de 8,2% este ano e de 9,3% em 2013, com cortes de juros e aumento do gasto social apoiando a demanda interna no país, que não é membro da OCDE.

Brasil

Relatório vê riscos de inflação e crédito

» DANIELLE CHAVES
DA AGÊNCIA ESTADO

O período de fraco crescimento do Brasil parece estar chegando ao fim, mas ainda existem riscos na forma de inflação, crédito e competitividade, de acordo com o mais recente relatório de perspectivas publicado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE). "A atividade está projetada para aumentar rapidamente e, então, se desacelerar gradualmente para taxas em linha com a tendência, puxada pelo consumo privado e o investimento", avaliou a instituição.

Segundo a OCDE, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil vai crescer 3,2% neste ano, a mesma taxa prevista no relatório publicado em novembro. A organização elevou a previsão de expansão em 2013 de 3,9% para 4,2% e disse que a inflação deverá diminuir para 4,9% neste ano e aumentar para 5,3% em 2013.

Ainda conforme o relatório, a inflação poderá voltar à tona em razão do apertado mercado de trabalho e da recuperação do crescimento do crédito, e isso pode ser exacerbado caso o Banco Central continue cortando as taxas de juros. De todo modo, a organização disse apoiar a visão do governo de que as taxas de juros brasileiras não podem voltar aos antigos níveis, considerados excessivamente altos.

"Os cortes nas taxas de juros podem ser um passo em uma bastante esperada e justificada mudança em direção a uma estrutura durável de taxas de empréstimos mais baixas", disse a OCDE. "Mesmo se o Banco Central tiver de elevar os juros básicos para lidar com o aumento da inflação, não precisará elevar para níveis prevalecentes antes da recente desaceleração", acrescenta o relatório.

Ainda assim existem riscos associados ao movimento do governo para reduzir os juros, segundo a OCDE. Os bancos estatais têm cortado as taxas dos empréstimos, pressionando os bancos privados a fazer o mesmo, e essa pressão, somada ao aumento da inadimplência da pessoa física, também pode impor riscos aos bancos privados. "O governo poderá, por isso, ter de intervir em algum momento para conter um crescimento de crédito possivelmente desestabilizador", afirmou a OCDE.

A organização comentou que o Brasil continua atraindo fluxos significativos de capital estrangeiro, resultando em uma taxa de câmbio forte, porém volátil. As exportações, em particular do setor manufatureiro, estão sofrendo com a valorização do real e os desafios estruturais, disse a OCDE, acrescentando que as medidas do governo para conter a alta da moeda nacional podem, no máximo, fornecer um alívio temporário. "Por outro lado, resolver questões estruturais de competitividade e tirar vantagem das pressões de concorrência geradas pelo comércio aberto melhorarão o crescimento da produtividade no longo prazo", destacou a OCDE.

Acesso restrito a assinantes. Uso para fins educacionais.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 23 maio 2012, Primeiro Caderno, p. A7.